

MODERNIDADE E CONSTITUIÇÃO DO CAMPO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NO BRASIL

Maria Zélia Versiani Machado¹

1. Lobato: divisor de águas na formação de um conceito "moderno" de literatura para crianças e jovens

No processo de constituição do campo da literatura infantil brasileira - e na esteira desta a juvenil -, se existe um escritor que tenha se empenhado em fazer crescer, com as próprias mãos, a história do livro para crianças e jovens, ele foi José Renato Monteiro Lobato, Juca, José Bento Monteiro Lobato ou simplesmente Monteiro Lobato.²

Quando ele nasceu, em 1882, o aparelho escolar brasileiro, ao qual a literatura infantil e juvenil esteve sempre ligada, encontrava-se em processo de expansão, como relatam as autoras de *A Formação da Leitura no Brasil*, ao tratar das relações de Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas, e as leituras escolares do livro didático, que ocupava, no contexto da época, lugar de destaque no universo restrito de livros que se oferecia a esses públicos:

*Macaúbas não pleiteia o apoio do Estado, mas impõe sua presença pela insistência com que ocupa todos os espaços possíveis; e sua obra atende às novas necessidades, originárias da expansão, após a década de 70 do século XIX, do aparelho escolar, de que ele participa também como proprietário de importante colégio de elite*³.

Além de algumas poucas traduções, antes do século XX, os livros aos quais jovens e crianças tinham acesso via escola, adequavam-se ao modelo proposto por escritores que

¹ Aluna do Doutorado e pesquisadora do CEALE - Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita - da Faculdade de Educação da UFMG.

² Em "A Modernidade em Monteiro Lobato", texto apresentado no Encontro Nacional de Literatura Brasileira, realizado em Porto Alegre no ano de 1982, que teve como tema central o escritor paulista, Marisa Lajolo discute esta questão pelo viés dos mecanismos de produção e circulação de livros da São Paulo da época do escritor, reforçando o caráter inaugural de sua obra: "ele inaugurou uma concepção de literatura que incluía a noção de livro como objeto sem aura: como linguagem, como texto, como mercadoria." In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 41- 49.

³ LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. p. 199.

exerciam influência junto aos governos estaduais, interferindo nos mecanismos que regulavam as edições e circulação dessa incipiente produção.

Lobato, perspicaz observador das regras de seu tempo, logo percebeu as formas possíveis de sobrevivência do escritor, ditadas pelo mundo que se modernizava. Ele inaugura, assim, uma atitude autoral que percebe que não se pode desvincular a produção dos textos literários dos mecanismos de edição e circulação que permitem a sua recepção. Estes papéis: escritor, editor, distribuidor, misturam-se e delineiam um projeto literário para crianças e jovens, engendrado com consciência das peculiaridades que cercavam as práticas de leitura da época e dos caminhos através dos quais poderia atingir o público-alvo almejado. Consciência que coincide com o processo de modernização editorial, ligado à expansão das escolas e à preocupação com a leitura - não só de autores nacionais como de boas traduções - quando Lobato publica *A menina do narizinho arrebitado*, em 1921. A publicação, que se anuncia como marco de uma nova fase da literatura para crianças e jovens no Brasil, ocorre logo após a falência da Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, o que, mais uma vez, reforça o caráter obstinado do escritor. Antes disso, como se sabe, os livros destinados a esses leitores cumpriam a função eminentemente ideológica, característica até então peculiar à literatura infantil, cuja origem (relativamente recente ou "moderna") remonta à época de ascensão da burguesia, no século XVIII⁴, e desde então tinha como meta principal formar o novo homem, apto a conviver em meio às relações sociais que emergiam.

Muitos leitores de Lobato e estudiosos da literatura infantil e juvenil reconhecem o caráter fundador das obras do escritor e de como a publicação das histórias do *Sítio do Picapau Amarelo* viriam a marcar decisivamente a produção literária posterior no Brasil, mas

⁴ Leonardo Arroyo, na sua importante contribuição *Literatura Infantil Brasileira*, diz: "... o século XVII foi rico de obras importantes para a literatura infantil, mas a Idade de Ouro foi, sem dúvida, o século XVIII", desse século ele lembra os nomes de Perrault, Collodi, Newberry, Daniel Defoe, Jonathan Swift entre outros. ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira* - Ensaio de Preliminares para a sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968. p. 30.

a muitos escapa a dimensão de estrategista editorial que foi o escritor, característica imprescindível para a realização de uma produção/recepção duradoura como a sua.

É interessante ainda observar como Lobato consegue manter a inventividade dos textos apesar das imposições e expectativas das leituras literárias escolares. Anteriores - e paralelamente - ao projeto revolucionário de Lobato, transcorriam na escola a modorra e a mesmice de edições, inúmeras vezes reimpressas, especialmente de contos selecionados para crianças, imbuídos em inculcar mensagens edificantes, cultivadas em outros sítios:

*Na manhã seguinte começavam a cantar os passarinhos, quando Felício desceu à vila para contratar jornaleiros. Hoje, o sítio é o mais belo do lugar. A casa é nova, e, em torno dela, outras avultam; e entre as árvores frondosas, é, da manhã à tarde, um alegre cantar de lavradores. E os milhos crescem, cresce o canavial, o pomar é todo fruto, e Felício prospera, contente, vendo à volta da sua felicidade tanta gente feliz a bendizê-lo.*⁵

Não é difícil comparativamente perceber quanta mudança a obra lobatiana traria ao contexto das práticas escolares de leitura literária. Uma das características de seus livros foi a de deflagrar a crítica aos valores impingidos tradicionalmente aos alunos, e o que é mais inusitado para a época: de dentro da própria instituição escolar. Para isso ele contou, é claro, com alguns afetos no governo que favoreceram, inclusive, a compra de grande quantidade do primeiro livro para crianças publicado (30.000 exemplares para o governo de São Paulo), cuja destinação escolar vinha explicitamente impressa em caracteres na capa junto ao título.

A configuração que o projeto estético inovador de Lobato imprimiria ao cenário da literatura infantil e juvenil foi responsável pela convivência de concepções literárias antagônicas, destacando tendências polarizadas visíveis até hoje, no contexto escolar e fora dele: as daqueles que leram bem Lobato, as daqueles que não experimentaram seus textos, ou os leram mal. Da não atenção à obra de Lobato e àquilo que ela representa para a formação da

⁵ BILAC, Olavo & NETO, Coelho. O ambicioso. In:-. *Contos Pátrios* (para as crianças). 40ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1953. p. 198.

literatura para crianças e jovens no Brasil, decorre a queima de uma etapa fundamental para a compreensão da sua inserção no bojo da produção cultural contemporânea, com a qual Lobato, como boa "antena"- apesar das históricas polêmicas com outros artistas da época⁶ -, mantinha-se afinado.

Mesmo depois de tantos anos de convivência com a obra do escritor, não é difícil encontrar posturas *passadistas* nas práticas de leitura literária na escola. Posturas que, ainda hoje, se orientam por princípios literários sobretudo "edificantes" na formação dos "pequenos" e jovens leitores, constituindo-se anacronismos que perderam o trem da história da literatura infantil e juvenil. Leitores ou escritores podem, assim, ter ficado à deriva também da história da literatura para adultos e dos valores que a conformam? Talvez sim. A partir desta indiferença ou omissão, o que práticas sociais de leitura literária vêm denunciando (tanto na dimensão da produção quanto da recepção de livros) é a ocorrência de um tratamento dado ao literário, que o desloca para propostas absolutamente didáticas, que se esquecem daquela que seria a maior lição de Lobato: trazer para o terreno das leituras da infância e da juventude as fragilidades humanas que a boa literatura não esconde. Este, aliás, um preceito da boa literatura que a acompanha sempre que ela se diz "moderna", ou seja, portadora de signos de modernidade, de ruptura, que desestabilizam valores e potencializam mudanças significativas na vida dos leitores.

Depois de Lobato, só muito recentemente a literatura escrita para crianças e jovens - especialmente narrativas - ganharia novos contornos, e de certa forma ultrapassaria o modelo lobatiano que vinha sendo exaustivamente repetido.

⁶ Ficou famosa a polêmica suscitada por texto de Lobato em crítica à exposição da pintora Anita Malfati, um dos nomes mais representativos da estética do modernismo.

2. Os arredores da obra lobatiana

Uma análise da *Bibliografia de Literatura Infantil em Língua Portuguesa*⁷, publicada pelo Instituto Nacional do Livro na década de 50, permite que se visualize, com mais clareza e abrangência, a produção do período pós-lobateano, de aparente estagnação da literatura para crianças e jovens. Essa obra de referência, organizada por uma Chefe de Divisão de Bibliotecas Infanto-juvenis de São Paulo, apresenta aproximadamente três mil títulos da produção de circulação nacional com o objetivo de orientar a escolha de livros por professores e bibliotecários do país. A bibliografia vem acompanhada de breve síntese da obra, às vezes revelando aspectos do conteúdo, outras vezes aspectos formais ou funcionais, quando não traz pequeno resumo da história. As orientações categorizam e atestam a persistência da forte ligação da literatura para crianças com a pedagogia naquela época. Categorias primordialmente pedagógicas se misturam às propriamente literárias como *fábulas*, *histórias maravilhosas*, *aventuras*, *histórias encantadas*, *histórias do tempo em que os animais falavam*, entre outras que dizem do mundo imaginário ou ficcional, algumas das quais apresento, como curiosidade, a seguir: *diversos contos aplicados à correção de defeitos*; *livros instrutivos*; *contos educativos*; *histórias e poesias instrutivas, morais e cívicas*; *histórias encantadas e morais*; *páginas de cunho religioso*; *higiene ensinada a crianças em forma de versos*; *coleção de contos escolhidos com fundo moral bastante acentuado*; *pequena novela de fundo moral e religioso*; *contos com fundo levemente irônico e boa dose de filosofia prática*; etc.

O catálogo bibliográfico agrupa os livros por faixa etária, critério que resulta em quatro grandes blocos: crianças de 3 a 6 anos, crianças de 6 a 9 anos, crianças de 10 a 12 anos

⁷ FRACCAROLI, Lenyra C. *Bibliografia de Literatura Infantil em Língua Portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: INL/Editora Jornal dos Livros, 1955.

e crianças de 13 a 15 anos⁸. No primeiro conjunto, encontramos sobretudo histórias de animais, ABCs, contos de fadas adaptados (Andersen e Perrault), álbuns ou livros de gravuras, livros de pano, traduções⁹, historietas do folclore brasileiro, livros que ensinam a contar, histórias do Tio Damião, entre outras cujo conteúdo, salvo raríssimas exceções, encontra-se orientado seja para o aprendizado dos números e das letras, seja para a moral em histórias protagonizadas por animais, que ocupam na narrativa o lugar social da criança através da voz do adulto.

Os livros indicados para crianças de 6 a 9 anos, em maior quantidade, seguem muito de perto a seleção indicada para a faixa anterior, com algumas pequenas, mas significativas, alterações: *histórias de animais, mas com um mais complicado enredo, fábulas, adaptações de histórias de cavalaria, contos de fada tradicionais*¹⁰ e "*modernos*",¹¹ *coleções de contos de fadas*, muitas traduções.¹²

Para as outras faixas etárias que se agrupam, o leque de obras e os gêneros se ampliam. Aparecem os romances, biografias romanceadas, histórias que utilizam como pano de fundo a História, coletâneas de poesias, etc.

Examinando a *Bibliografia de Literatura Infantil em Língua Portuguesa*, é possível mapear o que liam meninos e meninas, naquela época de suposto marasmo da história da literatura infanto-juvenil, e verificar a superior quantidade de traduções e de livros portugueses em comparação com a literatura nacional, embora haja referência a escritores

⁸ No prefácio de *Literatura Infantil Brasileira*, Leonardo Arroyo elogia a iniciativa de Lenyra Fraccaroli e fala do critério utilizado por ela para a distribuição das obras por faixa etária: "Essa idade foi a média obtida das idades das crianças que leram cada um dos exemplares citados na bibliografia relacionada", afirma o pesquisador. Op. Cit., p. 22.

⁹ Destacam-se Charlotte Becker, Walter E. Disney.

¹⁰ Um número maior de obras de Hans C. Andersen, Irmãos Grimm, Perrault passa a ser indicado.

¹¹ As recriações dos contos de fadas prendem-se ao esquemático modelo como podemos ver em *Cinderela Moderna*: "História de uma jovem maltratada por suas irmãs e madrasta, que consegue, graças à bondade de uma vizinha, casar-se com um ótimo e elegante moço." Op. Cit. p. 22. Recriações dos contos de fadas mais ousadas surgiriam mais tarde.

¹² Mais uma vez encontramos muitas adaptações obras de Walter E. Disney, ou seja, desenhadas nos estúdio Disney.

brasileiros, alguns dos quais lidos e conhecidos até hoje, que, em proporções bem menores se comparados aos estrangeiros, começam a conquistar espaço no mercado editorial.

No quadro da década de 50, o escritor brasileiro Lobato é um caso à parte. Ele aparece na seleção de livros para crianças de 10 a 12 anos com não menos que 72 edições, número que se aproxima de edições de Jules Verne, das histórias da Condessa de Ségur - livros indicados sobretudo para "crianças de 13 a 15 anos" -, dos contos clássicos Grimm, Perrault e de fenômenos da época como Disney. As referências aos livros de Lobato vêm acompanhadas de pequeno resumo explicativo da obra como: *Emília faz grande reinação, reduzindo, temporariamente, o tamanho das criaturas humanas*, para *A Chave do Tamanho*. E mesmo aqueles livros do escritor de caráter nitidamente pedagógico, mas acentuado tratamento literário, são apresentados sem o apelo para a utilização estritamente pedagógica, como na pequena sinopse para *Aritmética da Emília: A aritmética ensinada aos moradores do sítio do Picapau Amarelo, através das proezas apresentadas pelos números e cifras*. O apelo pedagógico e utilitário que poderia estar aí presente dá lugar a aspectos da dimensão literária, ao discurso das narrativas de ficção, com seus personagens, cenário e trama.

A inventividade de Lobato, naquele momento de carência das publicações nacionais para crianças e jovens, com achados que dão à sua obra infantil a marca da modernidade, está principalmente na intenção explícita em se estabelecer uma boa dosagem entre o útil e o agradável, através de um acordo tácito do mundo adulto com a infância. Acordo responsável pelo rompimento com a hierarquia de poderes anteriormente balizada pela tradição escolar, que mandava a criança colocar-se no seu lugar, ou seja, colocar-se no não-lugar do *cresça e apareça*. Lobato piscava o olho para essa criança e mostrava que as coisas não eram bem assim, pois todo assunto podia ser assunto para crianças. Os diálogos entre Dona Benta e o Visconde, quando conversam sobre a nova condição "pequenina" por que passavam, em *A chave do Tamanho*, são exemplares nesse sentido:

- *Mas acha que as nossas velhas idéias tornar-se-ão inúteis nesse mundo novo?*

- *Inúteis propriamente não. Mas têm de ser revistas e reformadas. São idéias filhas da experiência tamanhuda. Com a nova experiência pequenina, está claro que as idéias velhas têm que sofrer adaptação. E filosofaram longamente. O Coronel vinha de vez em quando com um aparte que só servia para mostrar como ele estava emperrado nas idéias antigas - sobretudo na de dinheiro.*¹³

Com essa ousadia para a época, Lobato inaugura um novo modo de olhar a criança e o jovem, com respeito por suas idéias e ações, com insuspeitada desconfiança na "civilização" que os adultos vinham construindo e legitimando através de suas instituições, e com a obstinada vontade de mudar e transformar o mundo. Isso tudo numa linguagem atraente e simples dos bons narradores, avessa aos exageros retóricos que dominavam o cenário literário da época.

A leitura e análise de um catálogo como a *Bibliografia* de Lenyra Fraccaroli permite que se recupere parte dessa fase da história da literatura para crianças e jovens adolescentes, fase que ficou à sombra da produção que, na década seguinte, viria a marcar-se pela renovação e crescimento da literatura brasileira infantil e juvenil, revelando nova safra de escritores que souberam captar e transformar o cenário da literatura infantil e juvenil, nas trilhas da modernidade anunciada por Lobato.

Só no final dos anos 60 e início da década de 70, contexto de mudanças político-educacionais voltadas para o incentivo à leitura, encontraríamos o terreno propício para o início de uma produção literária infantil e juvenil que a partir daí vem crescendo assustadoramente, colocando à disposição dos leitores grande quantidade de livros:

*A partir dos anos 70 notam-se algumas modificações nesse quadro, que vai se alterando no sentido de uma grande diversificação da produção, com o aparecimento de novos autores para atender ao crescimento do público leitor criado pela lei da reforma de ensino que obriga a adoção de livros de autor brasileiro nas escolas de 1º grau.*¹⁴

¹³ LOBATO, Monteiro. *A Reforma da Natureza & A Chave do Tamanho*. Il. Manoel Victor Filho. São Paulo: Brasiliense, 1973. p. 60.

¹⁴ SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987. p. 61.

No conjunto dessa grande produção, alguns livros primam pela qualidade e pela liberdade criativa, embora grande parte ainda repita modelos que lhe asseguram o consumo certo, pelo caminho mais curto da facilitação ou do utilitarismo; da sintonia com outros produtos da cultura de massa; ou da patente funcionalidade de usos para ensinar conteúdos das matérias escolares, o que vemos muito freqüentemente na literatura produzida *sob encomenda*, hoje, tempos de *temas transversais* e conteúdos politicamente corretos, herança da tradição predominantemente educativa da literatura infantil.

Iniciado e incrementado o processo de produção e circulação, sobretudo pela garantida disseminação escolar, na década seguinte que corresponde aos anos 70, ganhariam destaque ilustradores e, em decorrência à ênfase dada à imagem, os editores começam a priorizar a qualidade das edições, de suas programações visuais, etapa cuja intensificação podemos perceber especialmente a partir da última década.

O discurso sobre a literatura na modernidade parece assimilar a polarização que dá relevo ora à importância do cânone tradicional, ora à sua incondicional abertura. Inaugura-se assim um novo momento de crise, não livre de descaminhos e perdas, mas que pode ser fator de enriquecimento das discussões sobre a literatura, sobretudo no aspecto que mais nos interessa neste trabalho: o seu ensino.

Acompanhar a trajetória de formação de um público leitor de literatura no Brasil é uma tarefa que aciona uma complexa rede da qual participam aspectos de diferentes naturezas tais como o das diferentes condições de uso da escrita e da leitura dos sujeitos que interagem na sociedade contemporânea; o das relações existentes entre as práticas escolares e a formação efetiva do leitor de livros de literatura; o das relações de poder mantidas pelas instituições escolares e as políticas públicas de leitura, que afetam diretamente a produção e a circulação de livros para crianças e jovens; entre tantos outros aspectos referentes ao campo da leitura literária e seu ensino.